

Post vê limitação na proposta

CLAUDIO LESSA
Correspondente

Washington — Num editorial intitulado "Débitos Latinos e o Tesouro", o jornal *The Washington Post* ressalta, logo de inicio, que o processo iniciado pelo secretário do Tesouro, Nicholas Brady, "será útil, mas não representa qualquer mudança de grande monta na política dos EUA ou qualquer solução geral para a carga que pesa sobre os latinos". As propostas de Brady "refletem uma renovação do processo de debate que, em última análise, vai produzir uma política. Mas o processo ainda está num estágio inicial e provisório", diz o jornal.

O *Washington Post* afirma que as "sugestões" do secretário (já que o Tesouro explicitamente evita a palavra "plano") representam apenas a metade do que é necessário pra solucionar a crise da dívida do Brasil e outros países do Terceiro Mundo. "A outra metade", diz o editorial do *Post*, "é garantir a continuação do fluxo de novos empréstimos. Sem eles,

estes países não podem se industrializar e crescer rápido o bastante para elevar os padrões de vida de seus povos".

O retorno do capital privado latino-americano enviado para o exterior em grandes quantidades (em busca de melhores condições de segurança de investimento) nos próximos dois anos "é altamente otimista", critica o editorial, ao dizer que o Tesouro parece continuar apostando numa grande onda de retorno deste dinheiro para os países endividados.

O jornal reconhece que o curso de Nicholas Brady, na sexta-feira passada, é sinal de uma renovação da preocupação dos EUA com os problemas financeiros latino-americanos, mas parece concordar com a perspectiva apresentada pelo Tesouro — de que o Plano Brady seria uma mera evolução de Plano Baker — ao defender o plano apresentado pelo então secretário do Tesouro do governo Reagan, em Seul, em 1985, dizendo que, na realidade, o Plano Baker nunca foi experimentado. "A combinação de reformas substanciais apoiadas por uma substancial parcela de

novos empréstimos nunca foi tentada", diz o *Post*. "Por haver pouco financiamento para suavizar o impacto (das reformas), a maior parte dos devedores atrasou a realização de dolorosas reformas. E por causa do atraso nas reformas, os emprestadores seguraram os novos empréstimos".

"O plano Baker previa a perspectiva de novos financiamentos no valor de 40 bilhões de dólares, além do pagamento dos velhos empréstimos. Mas a sequência dada ao processo foi muito pequena, e cerca de um quarto daquele dinheiro foi realmente entregue", defende o editorial do *Post*.

Ao defender o ponto de que a redução da dívida será um elemento essencial em qualquer reação racional às crescentes tensões sobre as democracias da América Latina, o editorial acrescenta que "os Estados Unidos, sozinhos, não podem impor uma política. Somente cerca de um terço do dinheiro é devido a bancos dos EUA. O restante foi tomado de bancos da Europa Ocidental, Canadá e Japão.